

MARCOS IMPORTANTES NO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DA DOENÇA PANCREÁTICA

Em boa hora entendeu a Direcção da **ACTA MÉDICA PORTUGUESA**, promover a publicação de um número suplementar dedicado à **patologia pancreática**, ficando assente que os objectivos pretendidos, seriam o levantamento possível daquilo que se passa no nosso país em algumas vertentes da doença pancreática, bem como a divulgação de conceitos e atitudes de **utilidade inquestionável**.

Neste trabalho contámos com a colaboração de colegas de mérito reconhecido, que dedicam muito da sua prática quotidiana aos doentes daquele foro.

Em alguns assuntos, o mesmo problema é equacionado **com ópticas distintas**, traduzindo os âmbitos de actuação das diferentes especialidades. Assim, é assegurada **liberdade de reflexão** aos leitores no sentido de aderirem ou questionarem em casos mais controversos, posicionamentos assumidos pelos autores, cuja autonomia foi respeitada.

O desenvolvimento do estudo do **pâncreas**, foi e continuará a ser um percurso longo. Nos séculos dezassete e dezoito era a constatação da urina doce que levava os **clínicos de então** a profetizarem o diagnóstico da Diabetes Mellitus. Só em 1889 Von Mering e Minkowski estabelecem a relação entre o **Pâncreas** e a **Diabetes Mellitus**. Banting e Best em 1921, isolaram extractos pancreáticos activos contra a hiperglicémia, sendo-lhes assim atribuída a descoberta da insulina, cristalizada por Abel em 1926 e cuja estrutura química exacta só foi estabelecida em 1953 por Sanger.

Em 1929, Graham extrai pela primeira vez com êxito um tumor hiperfuncionante do pâncreas.

O **pâncreas endócrino** é progressivamente estudado com maior acuidade, desenvolvendo-se também os testes directos e indirectos para a avaliação da função exócrina.

No início da década de setenta, os meios imagiológicos disponíveis para o estudo do pâncreas eram a radiologia convencional, (com os respectivos estudos baritados e entre estes a duodenografia hipotónica), a angiografia e a medicina nuclear. As dificuldades destas técnicas eram e são muitas, continuando o **pâncreas** a ser naquela época um **orgão escondido**.

É no entanto no decurso daquela década que surge a **grande revolução**, com a aplicação e aperfeiçoamento da **ecografia** e o aparecimento de uma técnica excepcional para o estudo do pâncreas como é a **tomografia computadorizada**,

as quais com diferentes acuidades, permitem a observação directa do órgão. O desenvolvimento da **C.P.R.E.** e de técnicas intervencionistas, nomeadamente as punções aspirativas para o estudo de massas e colecções pancreáticas, a drenagem guiada percutânea e endoscópica das vias biliares e a possibilidade de colocação de endopróteses, foram outras conquistas de grande impacto .

A disponibilidade de sondas ecográficas de alta frequência para **exploração intraoperatória**, e a **ecografia endoscópica**, são outros importantes e recentes avanços na visualização de pequenas lesões pancreáticas.

Com menor importância no estudo do Pâncreas, mas também com as suas indicações, surgiu ainda na década de oitenta a **ressonância magnética**.

Um grande número de especialidades percorreram um longo caminho, para lado a lado, possibilitarem o **Transplante de Pâncreas** em Portugal na década de noventa.

Longe de se esgotar a reflexão sobre as diferentes vertentes da **patologia pancreática**, pensamos ter valido a pena esta publicação, sendo certo que no futuro próximo, outros artigos surgirão acerca do **Pâncreas** nesta revista.

Os nossos agradecimentos à Direcção da **ACTA MÉDICA PORTUGUESA**, em particular ao seu Director A. Sales Luis, figura cimeira da nossa medicina, que com o seu exemplo e sabedoria, vem marcando gerações sucessivas de médicos portugueses.

O nosso obrigado aos colegas que trataram os diferentes temas, pelo valioso contributo que nos deram.

A todos que trabalham na **ACTA MÉDICA PORTUGUESA**, o nosso reconhecimento pela contribuição prestada na elaboração deste Suplemento, sendo justo aqui referir particularmente o grande empenhamento do seu secretário, Miguel Reis.

JOSÉ SANCHES